



RICFAMMA

Revista de Iniciação Científica da Unifamma

FAZENDO AMOR: A ROMANTIZAÇÃO DO SEXO E SUAS REPRESENTAÇÕES NO CLIPE DA MÚSICA “EARNED IT”

RAMOS, Ana Angélica Miranda¹

TADA, Elton Vinicius Sadao²

RESUMO

O presente artigo traz uma discussão acerca da romantização do sexo na segunda década do século XXI, analisando e problematizando a relação entre amor e sexo, por meio das representações no clipe da música “Earned it” e por meio de pesquisas bibliográficas e documentais com base em autores, principalmente Michel Foucault, a fim de estudar o motivo da existência dessa constante ligação entre sexo e amor. Apresentaremos, ainda, definições dos termos “amor”, “sexo” e “sexualidade” e discutiremos como esses termos se relacionam.

Palavras-chave: Sexualidade. Romantização. Sexo. Representações.

1. INTRODUÇÃO

Na segunda década do século XXI, a comunicação se faz presente de diversas maneiras, principalmente no mundo virtual. Comunicar é compartilhar, trocar, informar. Tudo se comunica. Marcondes Filho (2007, p. 7) nos mostra que todos devem se comunicar, de uma forma ou de outra, sem comunicação não há vida, “tudo tem de ser repassado, transmitido, revelado”. Para o autor, ainda que tenhamos uma diversidade de aparatos que facilitem nossa comunicação, ainda “aceitamos que uma troca de mensagens pelo computador já é um diálogo” e deixamos passar o principal, que é a transmissão de entendimento, o compartilhamento de conhecimento, de sentimentos.

¹ Graduanda do sexto semestre do curso de Jornalismo da UNIFAMMA, Maringá – Paraná.

² Mestre e doutor em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, Brasil. Professor do Centro Universitário Metropolitano de Maringá-PR - UNIFAMMA.

[...] as pessoas continuam a achar que não há compartilhamento, que não há troca, que é difícil passar ao outro o que a gente sente, como a gente sente, as coisas que estão dentro da gente. As pessoas continuam a achar que suas maneiras de ver o mundo, seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias são fatos internos, íntimos, incomunicáveis (MARCONDES FILHO, 2007, p. 7, grifo do autor).

Bauman (2004, p. 9) afirma que com a facilidade de se relacionar que nessa década trouxe, as pessoas acabam ficando desesperadas para se relacionar e, com isso, acabam não pensando na condição “se relacionar permanentemente” e, quando pensam, percebem que essa é uma condição que não estamos dispostos a aceitar, já que a facilidade para se envolver novamente é muito presente e, por isso, precisam de liberdade e quando estão livres (sozinhas) ficam desesperadas por se relacionar, e assim sucessivamente. É um ciclo sem fim.

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial (BAUMAN, 2004, p. 10).

Toda essa “facilidade” para nos relacionarmos, e toda essa exposição que essa tecnologia trouxe, acabou trazendo também algumas mudanças no âmbito social e cultural. O que antes do século XX era considerado como sendo um dever, mais especificamente o casamento e dentro dele a obrigatoriedade de se amar o cônjuge e de se relacionar somente com ele (a), na segunda década do século XXI passa a ser repressão desse sistema. A facilidade de “se relacionar” que a tecnologia e as mudanças sociais trouxeram, fez com que essas relações se tornassem escolhas, e não dever. Essa concepção de escolha do amor e do sexo fez com que, gradativamente, os parceiros e parceiras amorosos e sexuais se tornassem facilmente descartáveis. Bittar (2007, p. 599) relata que:

Ao longo do século XX, especialmente, as fases da família podem ser sintetizadas em três períodos: a da família que possui correspondência no casamento-imposição (dever pelo dever), no

casamento-amor (dever e romantismo), e, em seguida, no casamento-opção (abaixo o dever) e, afinal, amor-sem-casamento (prazer em rotação), ou seja, no amor líquido. O que se constata é o aumento de elasticidade na concepção de casamento, ao mesmo tempo em que deixa de ser uma tarefa indispensável socialmente, para se tornar um complemento adicional da vida profissional do indivíduo, o que certamente compromete a idéia que se havia firmado de família anteriormente, como sustentáculo do processo produtivo. De sustentáculo, ela passa a obstáculo (BITTAR, 2007, p. 599-600).

Essa ideia de amor líquido foi trazida por Bauman (2004) para ilustrar a fragilidade das relações e dos vínculos que presenciamos no século XXI, um século onde a insegurança em firmar laços se contrasta com o desejo profundo de afrouxá-los. Essa forma de se relacionar é característica marcante na nossa sociedade, onde desejamos viver uma era de amor livre, mas, ao mesmo tempo, regredimos e nos colocamos algemas. Uma época onde se deseja vivenciar a sexualidade em sua plenitude, mas corre-se o risco de ser julgado em praça pública por isso. Amor e desejo andam lado a lado e, por isso, são, por vezes, confundidos. A ressignificação do conceito de amor está mudando, as relações estão mudando. Presenciamos uma fase em que se levantam bandeiras dizendo que toda forma de amor e toda forma de amar são válidas, porém, essas mesmas bandeiras são eventualmente jogadas na fogueira.

A ascensão da mídia digital trouxe uma maneira de nos expressarmos com mais facilidade, trouxe uma exposição para que esse ou qualquer estilo de vida seja, de fato, vivenciado (e observado). A sociedade se orgulha de ser “pra frente”, de ser liberal, porém, se compararmos com a mesma sociedade de séculos atrás, observamos que vivemos em tempos de repressão.

Narvaz e Koller (2006, p.50) nos relatam que nos primórdios da civilização, as sociedades além de serem coletivistas, eram nômades e tribais. Isso trazia uma prática diferente de relações de amor e sexo. As relações sexuais, tanto quanto os seus papéis, não eram definidos. Amava-se quem despertava sentimentos de amor e transavam com quem sentiam desejo, com quem despertava desejos de pele, independentemente se esses desejos forem despertados pela mesma pessoa. As relações eram igualitárias, e a monogamia não havia sido instalada porque não havia necessidade.

2. A MONOGAMIA COMO FORMA DE RELACIONAMENTO

A monogamia surgiu quando se descobriu o papel do homem na procriação e, passou então, a ser usada como forma de garantir a paternidade original. Ainda hoje existem pessoas que praticam a forma de “amor livre”, que não são monogâmicos, e acreditam ser a forma mais saudável de se relacionar.

Com o passar do tempo, essa prática passou a ser reproduzida com mais frequência e é tida como um macro regulador e protetor da família. Mas desde sua instalação até os dias atuais, o amor sempre esteve relacionado ao sexo para a maioria das pessoas, no sentido de que só se pode fazer sexo com quem se ama, principalmente se o sujeito em questão for uma mulher (desde que esteja casada, obviamente). É comum vermos pais ou até mesmo a própria sociedade que julgam seus filhos e filhas, sendo elas com mais rigor, por terem praticado o sexo antes do casamento. É comum ver famílias reproduzindo os dogmas da igreja de que “se deve casar virgem e amar ao seu esposo”. Mas como supracitado, há exceções, existe sempre os dois lados.

Desde criança a mulher é ensinada a ser mãe e a ser esposa, é educada a cozinhar, lavar, passar, costurar, tarefas estritamente domésticas, tornando, assim, a mulher um ser privado, seu lugar já estava destinado. Juntamente com as tarefas domésticas, essas mulheres carregaram consigo o status de frágil, de pouco inteligente, status trazidos pelo patriarcado ao longo da história, status que, até hoje, são reproduzidos naturalmente, definindo o papel da mulher na sociedade como sendo propriedade única e exclusiva do homem, “devendo obediência ao seu Senhor” (OLIVEIRA, 2008, s/p).

Chega-se aqui a um questionamento: sendo a mulher uma propriedade, um bem, um objeto, qual o proprietário iria aceitar “comprar” um objeto usado pelo mesmo valor de um novo? A virgindade, então, passa a ser moeda de troca. Cabia somente à mulher controlar os avanços e a excitação do noivo, evidenciando que o ato só aconteceria após o casamento, deixando claro que ela era uma “mulher de respeito”, que seria uma ótima mãe e dona de casa. E o discurso que a mantém é o de que “se você o ama, guarde-se para ele”. Mais uma vez o sexo é romantizado para poder ser controlado.

Sujeita, passiva, dócil, frágil, criança, escrava, entre outros adjetivos, assim era a concepção de mulher ideal defendida pelos saberes científicos e pela nascente burguesia, que procuraram 'reinventar' um modelo de mulher que se enquadrasse ao modelo de família que se pretendia construir, ao mesmo tempo em que seguia o curso para seu destino natural: casar e ter filhos (SILVA, 2015, p.374).

Porém, se agora a mulher passa a ter uma maior liberdade, por outro lado, passa também a ficar sob os olhos não só do marido, mas de toda a sociedade. Seu comportamento, sua forma de pensar e agir passa a ser julgada por todo o meio em que esta vive. No entanto, o comportamento dessas mulheres deveria ser regra para todas as mulheres, de todas as classes sociais, todas deveriam ser honestas, seguir as regras e não conhecer os apetites sexuais, pois como veremos mais pra frente com Foucault (1997), a sexualidade dos indivíduos passa a ser controlada, tornando o sexo exclusivo para a procriação. Toda mulher precisou, então, casar e ser mãe.

Ser mãe se tornou a missão de toda mulher na Terra. A maternidade passa a ser apontada como instinto nato, sendo o preencheria aquele "vazio que toda mulher sente". A mulher deveria, então, amar seu marido, "guardar-se" para ele, respeitá-lo e, logo, ser mãe de um filho dele. Para ele, a paternidade aconteceria apenas pela circunstância do casamento. Este, o casamento, era imposto como uma necessidade de toda mulher, pois evitaria alguns constrangimentos e situações desagradáveis que poderiam vir a acontecer caso a mulher permanecesse solteira por muito tempo, pois, como sexo frágil, seria difícil para ela resistir à "devassidão sexual" (VERONA, 2013, p.50). Então, o saber médico se incumbiu de apontar as causas que traziam essa fragilidade às mulheres:

Nelas (mulheres), formas, tamanhos, espessuras e jeitos, combinam-se numa "admirável disposição" que responde, as funções para quais foram destinadas. Da maneira de andar, a mulher "com seu pequeno e delicado pé" caminha mais sutil e elegantemente, a forma de pensar, "a fraqueza e a sensibilidade, são as qualidades dominantes e distintivas da mulher", tudo é condicionado por essa disposição "natural", que predomina um modo específico de ser mulher. A cabeça menor, as cadeiras largas, os nervos delgados e delicados, o timbre de voz agudo, a pele macia e delicada, os órgãos de sentido excitáveis (VERONA, 2013, p.50).

Sendo a reprodução a marca principal e essencial da mulher, assegura-se, assim, a movimentação patrimonial e faz com o que sistema econômico funcione de

maneira segura. Com reprodutora ela produz crianças e garante a espécie (PERROT, 1991, p.106 *apud* SILVA, 2015, p.370). No início do século XX o casamento era o único espaço onde era permitido, legitimado e autorizado o exercício da sexualidade e as intimidades advindas do próprio corpo, já que a imagem da mulher era associada à pureza, que deveria ser preservada até o casamento, pois a virgindade era um requisito essencial para o matrimônio e funcionava, também, como um mecanismo que concedia valor à noiva (CORREA, 1994, p.235 *apud* SILVA, 2015, p. 372).

Portanto, entendia-se que a partir da natureza feminina, o instinto sexual era anulado pelo instinto materno e, assim, a mulher que sentisse qualquer espécie de desejo ou prazer relacionado ao sexo, seria automaticamente considerada anormal. Sendo assim, quanto maior e mais estreito fosse o acordo feito no casamento, mais os desejos são sufocados. (DEL PRIORI, 2011, p.90 *apud* SILVA, 2015, p.373).

O processo de privar a sexualidade apenas no âmbito matrimonial fez com que a monogamia fosse instituída como reguladora das relações sexuais (ELIAS, 2011, p.173 *apud* SILVA, 2015, p. 371). Mas, mesmo dentro do casamento, o controle sobre o corpo e o sexo ainda era exercido:

No entanto, os médicos, apesar de reconhecer os benefícios trazidos mediante o desfrute do sexo no seio conjugal, advertiam quanto aos “excessos”, e, por conta disso, prescreviam um grau de moderação, quanto ao desfrute dos prazeres entre o casal, pois a atividade sexual intensa acarretaria certos perigos, como por exemplo, causar danos ao aparelho reprodutor, além de suscitar a degradação moral. O sexo deveria estar sempre associado a sua função procriadora (SILVA, 2015, p.372).

A constante relação entre amor e sexo foi construída com base em anos de controle da sexualidade. É comum ver a confusão que existe entre os termos ou o uso que se faz dessa confusão, por exemplo, pessoas que se dizem apaixonadas para levar alguém para a cama. “Eu te amo, mas na verdade eu só quero te comer”. Acontece com frequência também o inverso, pessoas que amam seus companheiros, mas que não se sentem sexualmente atraídos, mas acabam praticando o sexo por conveniência. Uma das causas dessa última hipótese é a carência que o ser humano tem e a necessidade de não se ficar sozinho. Outro exemplo é a descoberta do falso amor, “eu pensei que estava apaixonada, mas era

só tesão”. E lá se vai mais um término de relacionamento com duração de dois meses. O amor quer possuir, o desejo quer consumir (BAUMAN, 2004).

Se o desejo quer consumir, o amor quer possuir. Enquanto a realização do desejo coincide com a aniquilação de seu objeto, o amor cresce com a aquisição deste e se realiza na sua durabilidade. Se o desejo se autodestrói, o amor se autoperpetua. Tal como o desejo, o amor é uma ameaça ao seu objeto. O desejo destrói seu objeto, destruindo a si mesmo nesse processo; a rede protetora carinhosamente tecida pelo amor em torno de seu objeto escraviza esse objeto. O amor aprisiona e coloca o detido sob custódia. Ele prende para proteger o prisioneiro. Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da faina de tecer redes. Fiéis a sua natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor (BAUMAN, 2004, p.13).

Outra prática comum é reprodução que a mídia faz dessa relação, mostrando que um não vive sem o outro e que ambos interferem diretamente no outro. São novelas em que os casamentos acabam por traição, são programas que falam desse assunto, séries, filmes, música. É justamente nesse meio que se encontra nosso objeto de estudo. O clipe da música “Earned it” (“Mereceu”, em português), composta por Abel Tesfaye, Ahmad Balshe, Jason Quenneville e Stefan Moccio, mas interpretada por The Weeknd, cantor canadense.

Por que o amor e o sexo estão sempre atrelados um ao outro? Por que, na segunda década do século XXI, e sendo coisas tão distintas, o sexo ainda está constantemente relacionado ao amor? Por que, sendo que o amor a gente sente, o sexo a gente faz? Ambos, amor e sexo, caminham juntos, mas procurando, dia após dia, sua emancipação. O sexo pode, de fato, ser visto como uma relação de poder? O amor legitima o sexo? O sexo é consequência do amor?

Antes de fazermos uma interpretação da letra da música, precisamos, aqui, definir alguns termos que são de extrema importância para tal interpretação. Usaremos das palavras de autores como Schopenhauer (1970), Bauman (2004), Foucault (2017) para definir os termos:

4. AMOR, SEXO, SEXUALIDADE, ROMANTISMO E AFETO

Schopenhauer considera o amor como sendo natural para “a preservação da espécie, na qual, a espécie precede toda a vontade do homem. Que tem por fundamento, uma inclinação dirigida para a vontade e reprodução da espécie”. Ou seja, para o autor, o homem já nasce com o desejo de se reproduzir e essa vontade chama-se amor. E quando esse desejo ultrapassa a vontade de reprodução, o autor chama de “amor vulgar”. Sendo assim, o amor é uma ilusão que nos aproxima do sexo oposto com o intuito de fazer com que procriemos.

(...) por ela, unicamente, se explica o delírio que o amor inspira, a gravidade do papel que desempenha, a transcendência que concede aos mais insignificantes incidentes. Pensemos nela se queremos compreender tantos trabalhos, rodeios e sofrimentos imprescindíveis à posse da pessoa amada. (SCHOPENHAUER, 1970, p.25).

O amor do século XXI veio com a onda burguesa, porém, só ganhou força quando a sexualidade passou a fazer parte do matrimônio. Em uma época em que o casamento era apenas um negócio, os maridos eram aconselhados a amarem suas mulheres com inteligência e sem afeto, homens deveriam ser maridos e não amantes. Era o amor-reserva no casamento e o amor-paixão fora do casamento (ARAÚJO, 2002, s/p *apud* CRUZ, 2014, p.32). O mesmo autor ainda afirma que o amor foi retirado do casamento e, assim, se fez vivo nos relacionamentos ilícitos e vivido com mais intensidade do que jamais fora vivido. Porém, existiam dois tipos de amor. O amor cavalheiresco, geralmente estava ligado a um adultério carnal. Já o amor cortês era um adultério espiritual, o adúltero não tinha esperança alguma de um envolvimento carnal com a amada. O que se sabe de amor hoje, na segunda década do século XXI, é que é um sentimento universal, que existe desde os primórdios da civilização e que, mesmo depois de tanto tempo, é quase impossível descrevê-lo.

Justos (2005) apresenta o amor de duas formas, o amor romântico, que é aquele amor que oferece 33 uma promessa de segurança, confiabilidade, fidelidade, durabilidade e é sobretudo um amor abnegado; dura enquanto durara a co-satisfação entre os parceiros mas também o apresenta como o amor confluyente, típico da atualidade, que se caracteriza pela promessa de maior independência, autonomia, realização, diversidade e dura enquanto durara a co-satisfação entre os parceiros (JUSTOS, 2005, s/p *apud* CRUZ, 2014, p.32-33).

De acordo com Cruz (2014, p.33), muitos estudos foram feitos acerca do tema e muitos autores discutiram sobre o amor e suas vertentes, como Marques (2008), que descreve o amor como “um estado maravilhoso, terno, profundo e recompensador”; Andrade, Garcia e Cano (2009), mostram o amor como sendo “um dos mais intensos e significativos sentimentos que uma pessoa pode vivenciar em algum momento do seu ciclo de vida”; Gouveia (2013) fala que “o amor se revela como forma particularizada de sentimento, quando uma pessoa deseja e busca, de outra pessoa, receber e dar prazeres ou satisfações que podem ser de diferentes naturezas, como sexuais, de admiração, de compreensão e proteção”.

Já para Bauman (2004), o amor é a vontade de ter, de cuidar, de preservar. Para o autor, amar diz respeito a auto sobrevivência, por meio de afagos, carícias, mimos. É estar sempre à disposição, assumir a responsabilidade. O amor, segundo Bauman, é inerente ao poder.

Amar é contribuir para o mundo, cada contribuição sendo o traço vivo do eu que ama. No amor, o eu é, pedaço por pedaço, transplantado para o mundo. O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado. Amar diz respeito à auto-sobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a — ciumentamente — guardar, cercar, encarcerar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar expropriar e assumir a responsabilidade. Domínio mediante renúncia, sacrifício resultando em exaltação. O amor é irmão xifópago da sede de poder — nenhum dos dois sobreviveria à separação. Enquanto vive, o amor paira à beira do malogro. Dissolve seu passado à medida que prossegue. Não deixa trincheiras onde possa buscar abrigo em caso de emergência. E não sabe o que está pela frente e o que o futuro pode trazer. Nunca terá confiança suficiente para dispersar as nuvens e abafar a ansiedade. O amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável. O amor pode ser, e frequentemente é, tão atemorizante quanto a morte. Só que ele encobre essa verdade com a comoção do desejo e do excitação. Faz sentido pensar na diferença entre amor e morte como na que existe entre atração e repulsa. Pensando bem, contudo, não se pode ter tanta certeza disso. As promessas do amor são, via de regra, menos ambíguas do que suas dádivas. Assim, a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar. E o fascínio da procura de uma rosa sem espinhos nunca está muito longe, e é sempre difícil de resistir. (BAUMAN, 2004, p. 13).

Diante da amplitude, da complexidade e da inexatidão de estudar o amor, várias teorias surgiram a respeito do tema. Cruz (2014, p.34) traz algumas dessas teorias:

- Teoria dos Dois Tipos de Amor (Teoria de Maslow): essa teoria argumenta que existem dois tipos de amor, o D-love (amor deficiente), que diz que o amor por outra pessoa nasce diante da necessidade de corrigir algo que falta em si mesmo; e o B-love, onde se pode amar a pessoa somente pelo que ela é de fato.

- Teoria dos Dois Tipos de Amor (Teoria de Fromm): para essa teoria o amor pode ser dividido entre verdadeiro amor, que se caracteriza pelo cuidado, conhecimento e responsabilidade; o falso amor, caracterizado por submissão e passividade.

- Teoria do Amor Passional: aquele com sentimentos de dependência, de exclusividade, com excitação sexual e paixão.

- Teoria do Amor Pragmático: oposto do amor passional. Relaciona-se com a tolerância e a confiança, tranquilidade e estabilidade.

- Teoria do Amor Altruísta: caracteriza-se pelo cuidado com o outro, satisfação pela felicidade do outro.

- Teoria do Amor Comprometimento: a principal característica é a promoção da estabilidade e interatividade.

- Teoria do Apego: a situação de apego relembra a relação cuidador-bebê-cuidador, composta por vários comportamentos como: rir, andar, chorar, etc. Essa teoria defende que essa relação acompanha o ser humano durante toda a sua existência, inclusive nas suas relações amorosas.

- Estilos de Amor: aqui o amor é totalmente aprendido. Aqui o romantismo pode ser tão variado quanto são as formas de amar. Nessa teoria existem estilos de amar que são formados de acordo com a vivência de cada ser. Os três principais estilos de amor são:

- *Estilo Eros*: o tipo físico é o mais atrativo e atração é física. Relacionamentos rápidos, intensos e expressivos.

- *Estilo Ludus*: diversão e falta de compromisso. Atraem-se por vários tipos físicos e podem amar várias pessoas ao mesmo tempo.

- *Estilo Storge*: o amor é uma amizade especial. O amado é o amigo. Não sente atração física.

- Teoria Triangular do Amor: aqui o amor é constituído por três elementos: a intimidade, a paixão e o compromisso. A ausência de qualquer um dos elementos representa a ausência do amor.

- Teoria Tetrangular do Amor: aqui, os principais elementos são: intimidade, compromisso, paixão erótica e paixão romântica.

Foucault (2017) faz uma relação do amor com o corpo. De acordo com o autor, o corpo e o amor estão relacionados. Para ele, o corpo só é reconhecido como tal por meio de três situações, sendo elas: a cabeça (pelo pensamento); o espelho, que mostra o corpo tal como ele é; e o caixão, quando o corpo pode ser revirado, é o corpo que não está, somente o corpo e sua finitude. Foucault diz que existe, ainda, outra maneira de reconhecer o corpo, por meio do amor. “Talvez devêssemos dizer também que fazer amor é sentir seu corpo fechar-se sobre si mesmo, é finalmente existir fora de qualquer utopia” (FOUCAULT, 2017). Para ele, quando um corpo toca o outro, este o leva para a realidade por meio das pontas dos dedos dos outros e, por isso, gostamos de fazer amor.

Sob os dedos do outro que lhe percorrem, todas as partes invisíveis do seu corpo começam a existir, contra os lábios do outro, os seus começam a existir, contra os lábios do outro, os seus ficam sensíveis, frente a seus olhos semicerrados, seu rosto adquire uma certeza, há um olhar, enfim, para ver suas pálpebras fechadas. O amor também, como o espelho e como a morte, acalma a utopia de seu corpo, ele a silencia, a acalma, ele a encerra como que dentro de uma caixa, ele a fecha e a sela. É por isso que ele está tão intimamente relacionado à ilusão do espelho e à ameaça de morte; e se, apesar dessas figuras perigosas que o cercam, gostamos tanto de fazer amor, é porque no amor o corpo está *aqui* (FOUCAULT, 2017, s/p).

Ao falarmos de sexo e suas definições, Foucault diz que “o sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa “verdade” de sujeito humano” (FOUCAULT, 1999, p. 229). Para o autor, o sexo vai além de ser constituído como “verdade”.

5. O SEXO É CONSTITUÍDO POR UMA RELAÇÃO DE PODER

O sexo, a partir do séc. XVIII, aparece como um dispositivo de controle e domínio sobre a população, ligando-se, assim, à economia.

No cerne desse problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas (...) é a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo. Passa-se (...) às tentativas de regulação mais finas e bem calculadas, que oscilarão, segundo os objetivos e as urgências, em direção natalista ou antinatalista. Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, no limite entre o biológico e o econômico (FOUCAULT, 1997, p. 29).

Cria-se, assim, um poder organizado, girando em torno de gerir vidas, surgindo a partir de vários outros mecanismos de poder já existentes no séc. XVIII. Esse poder se torna sólido a partir da junção do indivíduo com o seu corpo, fazendo com que o sexo se torne alvo principal de estudos, análises e regulamentações. Nesse contexto, o Estado aparece como o regulamentador, trazendo consigo uma relação de forças que discutirão os problemas econômicos e políticos de uma população.

(...) os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. Saúde, progeneração, raça, futuro da espécie, vitalidade do corpo social, o poder fala *da* sexualidade e *para* a sexualidade; quanto a esta, não é marca ou símbolo, é objeto e alvo. (FOUCAULT, 1997, p. 160)

Dessa forma, a sexualidade se mostra como sendo seu próprio dispositivo de intervenção estatal de poder, produzindo, assim, um cenário de concorrências pelos corpos dos indivíduos. Concorrência, poder, dominação, submissão. Para o autor, a sexualidade é “o nome que se poderia dar a um dispositivo histórico, à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, [...] o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder” (1997, p.100). A sexualidade como relação de poder, de acordo com Foucault, não tem o ato de reprodução como objetivo principal, mas tem o ato de entrar, penetrar nos corpos, cada vez mais

detalhadamente, e controlar cada vez mais corpos. Ainda de acordo com o autor, a sexualidade é um dispositivo que atua, sobretudo, sobre o corpo do homem, que, até então, era o corpo legitimado a sentir prazer, o corpo que manifestava sua sexualidade, o corpo viril, que trabalha. Esse corpo poderia e deveria ser controlado, vigiado.

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade; utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 1997, p. 98).

6. EARNED IT

A música supracitada tem a seguinte letra (em inglês): *"I'mma care for you/ I'mma care for you, you, you, you/ You make it look like it's magic (oh, yeah)/ 'Cause I see nobody, nobody but you, you, you/ I'm never confused, hey hey/ And I'm so used to being used/ So I love when you call unexpected/ 'Cause I hate when the moment's expected/ So I'mma care for you, you, you/ I'mma care for you, you, you, you, yeah/ 'Cause, girl, you're perfect/ You're always worth it/ And you deserve it/ The way you work it/ 'Cause, girl, you earned it (yeah)/ Girl, you earned it, yeah/ You know our love would be tragic (oh, yeah)/ So you don't pay it, don't pay it no mind, mind, mind/ We live with no lies, hey hey/ You're my favorite kind of night/ So I love when you call unexpected/ 'Cause I hate when the moment's expected/ So I'mma care for you, you, you/ I'mma care for you, you, you, you, yeah/ 'Cause, girl, you're perfect (girl, you're perfect)/ You're always worth it (always worth it)/ And you deserve it (and you deserve it)/ The way you work it (the way you work it)/ 'Cause, girl, you earned it (earned it) (shit)/ Girl, you earned it, yeah/ On that lonely night (lonely night)/ We said it wouldn't be love/ But we felt the rush/ It made us believe it was only us (it was only us)/ Convinced we were broken inside (yeah)/ Inside (yeah)/ 'Cause, girl, you're perfect (girl, you're perfect)/ You're always worth it (you're always worth it)/ And you deserve it (and you deserve it)/ The way you work it (the way you work it)/ 'Cause, girl, you earned it (girl, you earned it) (yeah)/ Girl, you earned it (you earned it) (yeah)/ 'Cause, girl, you're perfect/ The way you work it/ I deserve it".*²

² “Vou cuidar de você/ Vou cuidar de você, você, você, você/ Você faz parecer que é mágica (oh, yeah)/ Porque eu não vejo mais ninguém, ninguém além de você, você, você/ Nunca fico confuso, hey hey/ E eu estou tão

O clipe começa com o cantor sentado em uma das cadeiras de um auditório vazio. E, quando a música começa, o palco é mostrado. No estilo cabaré, sete mulheres fazem uma performance particular para ele. Vestidas com roupas de látex preto, com saltos altos na mesma e perucas Chanel na mesma cor. Dançando envoltivamente em volta de cadeiras com cordas na mão. Toda a apresentação é para ele. Tudo para agradá-lo, para satisfazê-lo, tudo tem um tom extremamente erótico, exceto pela letra. Fazendo uma interpretação literal da letra, entende-se que duas pessoas tiveram uma relação em que, a princípio, esperavam que fosse algo casual, pois os dois estavam “quebrados por dentro”. Porém, uma das pessoas, a que conta a história, se vê apaixonada pela outra e está dizendo a ela os motivos desse amor. Podemos, então, afirmar que, de acordo com a interpretação acima, a música tem um tom romântico, fala de amor.

O amor que, segundo Almeida (2006), denomina sentimentos, comportamentos e perfis diversos que alcançam respostas cognitivas que, mesmo distintas, se relacionam, se manifestam de diferentes formas e são comuns aos seres humanos. Ou seja, trazem consequências para a vida dos mesmos, com diferentes graus de afetação. E, de acordo com as teorias vistas acima, esse seria um Amor Passional, que está diretamente ligado à excitação pessoal e paixão. Ou, então, à Teoria Tetrangular do Amor, que liga o amor diretamente ao sexo, “paixão erótica e romântica” (CRUZ, 2014, p.34). Agora, falando de estilos de amor, o clipe analisado apresenta o Estilo Eros e o Estilo Ludus, onde os dois se atraem pelo físico e têm relacionamentos intensos.

Diante dos fatos citados, podemos então considerar que a música “Earned it” possui uma letra que fala de amor, o amor que é ligado aos sentimentos, o amor que

acostumado a ser usado/ Então eu amo quando você liga sem avisar/ Porque eu odeio quando o momento é previsível/ Então vou cuidar de você, você, você/ Vou cuidar de você, você, você, sim/ Pois, garota, você é perfeita/ Você sempre vale a pena/ E você merece/ A maneira como você lida com isso/ Pois, garota, você mereceu (yeah)/ Garota, você mereceu, yeah/ Você sabe que nosso amor seria trágico (oh, yeah)/ Então você nem dá, nem dá atenção, atenção, atenção/ Nós vivemos sem mentiras, hey hey/ Você é o meu tipo de noite preferido/ Então eu amo quando você liga sem avisar/ Porque eu odeio quando o momento é previsível/ Então vou cuidar de você, você, você/ Vou cuidar de você, você, você, sim/ Pois, garota, você é perfeita (garota, você é perfeita)/ Você sempre vale a pena (você sempre vale a pena)/ E você merece (e você merece)/ A maneira como você lida com isso (a maneira como você lida com isso)/ Pois, garota, você mereceu (garota, você mereceu)/ Garota, você mereceu (você mereceu)/ Naquela noite solitária (noite solitária)/ Nós dissemos que isso não seria amor/ Mas nós sentimos a emoção/ E ela nos fez acreditar que foi só nós dois (só nós dois)/ Convencidos de que estávamos quebrados por dentro (yeah)/ Por dentro (yeah)/ Pois, garota, você é perfeita (garota, você é perfeita)/ Você sempre vale a pena (você sempre vale a pena)/ E você merece (e você merece)/ A maneira como você lida com isso (a maneira como você lida com isso)/ Porque, garota, você mereceu (garota, você mereceu) (yeah)/ Garota, você mereceu (garota, você mereceu)/ Pois, garota, você é perfeita/ A maneira como você lida com isso/ Eu mereço” (tradução nossa).

faz com que as pessoas queiram se relacionar. Discorreremos agora acerca da harmonia da mesma. Musicalmente, a harmonia é a parte da música responsável por despertar as emoções e sensações, de acordo com o objetivo da canção. É a harmonia que traz a sensação de tristeza, alegria, tranquilidade em uma música, e no nosso exemplo, a harmonia e a melodia traz a quem ouve, uma sensação de sensualidade, da sensualidade que causa um tipo de excitação. A música foi trilha sonora do filme “Cinquenta Tons de Cinza”, que destaca a prática sexual BDSM (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo). Por estar relacionada ao filme com temática sexual, seu clipe, mesmo com letra romântica, é totalmente erotizado.

Vejamos agora, uma sequência de cenas que retratam a análise acima.



Imagem 1 – Frame 0’43”

Na Imagem 1, podemos perceber, logo no começo do clipe, sinais de BDSM. Um grupo de mulheres com o mesmo padrão de corpo, cabelo e vestimentas. Magras, cabelo curto e preto, estilo Chanel, com roupas de tecido em látex vinil. Na cena, elas aparecem alinhadas em um palco no estilo cabaré, ao lado de umas cadeiras, de costas para o público – que, no caso, é o vocalista da música – com as pernas abertas e os braços para o alto. Todas seguram pedaços de cordas em suas mãos e, dentro do estilo BDSM, as cordas são um dos elementos principais. Estão vestidas com um salto alto preto e algumas tiras do tecido em látex fazendo o contorno das nádegas. Entre os contornos, todas têm um “x”, demonstrando que ali é o ponto certo a se fazer uma ação, como quando vamos atrás de um tesouro e, no

mapa, ele está localizado no ponto “x”. Ou como quando vamos assinar algum documento, e devemos assinar na frente do “x”.



Imagem 2 – Frame 1’45”



Imagem 3 – Frame 1’46”

As imagens 2 e 3 são um close de uma das mulheres, sentada no chão, de costas para a plateia, com as pernas totalmente abertas, evidenciando a parte mais desejada desse corpo, o tesouro, o “x”, ali é o alvo. É ali que se deve acertar. Fazendo com o que o corpo da mulher se transforme e mercadoria, em objeto. Esse corpo que, mesmo tendo a liberdade para viver esse tipo de erotismo, se encontra enquadrado nos códigos masculinos. Essa cena acontece em um trecho da música onde a letra diz “você sabe que o nosso amor seria trágico”, fazendo, novamente, a relação entre o amor e o sexo.



Imagem 4 – Frame 2'58"

Já na Imagem 4, podemos ver claramente sinais do binarismo dominação/submissão, sendo, obviamente, o homem como dominador e a mulher como submissa. Uma mulher nua, totalmente imobilizada por cordas que a prendem no ar. Se encontrando nessa posição, ela fica impossibilitada de se mover ou escapar dessa “prisão”. Podemos, aqui, ver como as relações de poder estão implícitas, também, no sexo.



Imagem 5 – Frame 3'30"

A Imagem 5 foi escolhida justamente pela construção da cena. Uma mulher nua, amarrada de uma maneira que não consegue se soltar, suspensa pelas cordas que a prendem. Todo o seu peso está sendo pressionado contra seu próprio corpo

por meio das cordas. Se apenas imaginarmos a cena, parece algo doloroso, algo que machuca. Porém, a cena mostra uma mulher com expressões que sugerem o prazer. Como se ela, de fato, estivesse sentindo prazer em uma situação em que, certamente, estava sentindo muita dor e desconforto.

7. CONCLUSÃO

As relações de poder estão mais presentes em nosso meio do que, de fato, podemos ver. Entre o amor e o sexo, o abismo é profundo e infinito. Estão sempre relacionamos para que um possa validar e legitimar o outro, para que um possa autenticar o outro. Para que um possa dominar, controlar, domar e reprimir o outro. Sendo o “um” – o amor – e o “outro” – o sexo-. O sexo consiste em poder porque só assim é possível controlar os corpos outros.

A ligação entre o amor e o sexo existe há muito tempo, porém, podemos verificar, de acordo com os teóricos estudados, que sexo e amor são coisas completamente diferentes. O amor é subjetivo, é intangível, é abstrato. O sexo é biológico, é concreto, é racional. O amor a gente sente, o sexo a gente faz. O amor legitima o sexo, porque, por meio de frases como “eu te amo”, o sexo é validado. Transar por amor é válido. Transar por desejo é “senvergonhice”. Amar é digno, é bonito. Transar é sujo, é imoral.

8. REFERÊNCIAS

ALMEIDA T, Mayor AS. **O amar, o amor:** uma perspectiva contemporâneo ocidental da dinâmica amorosa para os relacionamentos. In: Roosevelt RS, Carvalho KA, organizadores. *Ciência do comportamento – conhecer e avançar*. 1.ed. Santo André: ESETec Editores Associados; 2006. v. 5. p.99-105.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Família, sociedade e educação:** um ensaio sobre individualismo, amor líquido e cultura pós-moderna. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, v. 102, p. 591-610, jan./dez. 2007. São Paulo.

CRUZ, Lunara de Souza. *Correlatos e preditores amorosos da satisfação conjugal nos relacionamentos estáveis*. UFRR – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista-RR, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Utopia do Corpo**. Tradução: Victória Monteiro. Colunas Tortas, 2017. Disponível em: < <https://colunastortas.com.br/utopia-do-corpo-michel-foucault/> >. Acesso em 18 set. 2018.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. Psicologia & saúde; 18 (1): 49-55; jan/abr. 2006. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

OLIVEIRA, L. S. **Educadoras e religiosas no Brasil do século XIX: nos caminhos da civilização**. In. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador: Civilização e Contemporaneidade. Recife. 2008. s/p.

PERROT, M. Figuras e Papéis. In História da Vida Privada: da Revolução Francesa a Primeira Guerra/ sob dir. de Michelle Perrot (et al); tradução de Denise Bottman, partes 1 e 2; Bernardo Joffily, partes 3 e 4. São Paulo: vol, 4. Cia da Letras, 1991.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do mundo**. São Paulo: Ed. Publicações, 1970.

SILVA, Giuslane Francisca da. **Trajetórias e transformações da família nuclear no Brasil**. Revista Labirinto, Porto Velho-RO, Ano XV, Vol. 22, p. 361-378, 2015.

THEWEEKNDVEVO. **Earned It (Fifty Shades Of Grey) (From The "Fifty Shades Of Grey" Soundtrack) (Explicit...** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=waU75jdUnYw>>. Acesso em 10 de setembro 2017.

VERONA, E. M. **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo: Ed, Unesp, 2013.